

MST: A MATERIALIZAÇÃO DE SUJEITOS TRANSITÓRIOS ENGENDRANDO ELEMENTOS DA SUPERAÇÃO DO CAPITALISMO (HOMENAGEM E RECONHECIMENTO À LUTA DE MIGUEL MATIAS UTZIG MULLER)

Miguel Matias Utzig Muller – UFSC¹
miguelmuller@bol.com.br

João Claudino Tavares – UFSC/UFMA²
jclaudinot@yahoo.com.br

Idaleto Malvezzi Aued- UFSC³
idaletto@cse.ufsc.br

Pouco tempo depois do envio do resumo para o presente evento, providenciado pelo autor principal deste trabalho (Miguel Matias Utzig Muller), aconteceu uma fatalidade que nos fez mudar a forma de apresentação do trabalho expandido. Na fatídica madrugada de 18 de junho do presente ano (2005) fomos surpreendidos com o falecimento de Miguel. Isto comoveu a muitos dos que tiveram a grande oportunidade de ter convivido, de alguma maneira, com ele. Convencionamos, então, transformar o trabalho expandido em sua homenagem. Para tanto, nos utilizamos de formulações deixadas por Miguel, no seu Memorial de Qualificação⁴ - apresentado e defendido publicamente ao dia 30 de março de 2005 - do doutoramento em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

O presente trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte falamos, especialmente, de Miguel, fazendo uma sumária apresentação de sua biografia e de sua práxis. Na segunda parte o trabalho está constituído por reflexões feitas por ele e materializada no seu “Memorial de Qualificação” Consideramos que, devido à sua ausência, o trabalho expandido não teria o mesmo sentido do que apresentamos na proposta inicial (no resumo), resgatando passagens da elaboração de Miguel. Mais do que um texto acadêmico acabado, uma homenagem.

1. Vida e práxis do Miguel

1.1. Breve histórico

Miguel Matias Utzig Muller nasceu no dia 15 de outubro de 1964, no distrito de Roque Gonzales, município de Cêro Largo, comarca de São Luiz Gonzaga, microrregião de Santa Rosa, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Era filho dos agricultores Otto Arno Muller e de Darcília Clara Utzig Muller. Miguel

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.* Trabalho elaborado com auxílio financeiro do CNPq do Brasil.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Assistente do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão.

³ Doutor em Geografia Humana pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Sociologia da UNESP – Araraquara (SP). É Professor Titular do Centro Sócio-Econômico, no Curso de Ciências Econômicas, da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ Memorial apresentado e defendido publicamente ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano.

concluiu o curso de Licenciatura Plena em Geografia no ano de 1991, na FURG⁵ e concluiu o Curso de Mestrado e Geografia, pela UFSC⁶, em dezembro de 1997. Desde março de 2003 estava cursando o doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, sob a orientação do Prof. Dr. Idaleto Malvezzi Aued.

De sua experiência profissional destacamos as atividades docentes, na condição de professor substituto no Colégio de Aplicação da UFSC e no Curso de Geografia da FURG, tendo participado, nesta última, de várias bancas examinadoras de monografia para conclusões de cursos.

Desde o início de seu curso de graduação Miguel sempre se fez presente, ativamente, em eventos de natureza local, regional e nacional, seja como participante, autor e apresentador de trabalhos ou mesmo oferecendo mini-cursos, no campo da Geografia e, de maneira particular, na área de Geografia Agrária.

Especialmente, no doutoramento, estava elaborando e apresentando artigos embasados nos desdobramentos de sua pesquisa sobre uma geografia da transição do capitalismo para o comunismo. Seus trabalhos carregavam a marca da ação coletiva.

1.2. Últimos dias

Miguel convivia com uma incômoda “bronquite asmática aguda com crises convulsivas”⁷. Isto era um sofrimento que ele não deixava transparecer, entretanto, era uma grande preocupação de seus familiares. Ao contrário, Miguel passava a todos a imagem de uma vida bela, carinho para com o próximo, disponibilidade desprezenciosa para ajudar a superar ou, pelo menos, minimizar os sofrimentos humanos. Miguel estava sempre disposto a participar de construção de relações humanas. E muito feliz com suas apreensões teóricas que o ajudavam, sobremaneira, para a apropriação da materialidade que o cercava. No período de doutoramento, demonstrou isto em várias oportunidades através da participação intensa nas atividades do Programa e Pós-Graduação e no relacionamento com as pessoas (companheiros do programa da pós-graduação, alunos da graduação, professores e técnico-administrativos). Miguel cativava e conquistava carinho e amizade de todos.

A última semana de vida do Miguel foi marcada por importantes acontecimentos, para ele e para os que compartilhavam desse momento. Discutia-se os resultados do trabalho de pós-doutorado do professor Idaleto, e do andamento das pesquisas de seus orientandos, sobre a transitoriedade para além do capitalismo. Miguel apresentou os andamentos de sua pesquisa na quinta-feira (16/06/2005).

Tendo acompanhado e vivenciado, com uma certa presença e intensidade, o período recente do Miguel, podemos dizer que sua vida foi interrompida quando ele vivenciava - dedicado e apaixonado - um dos grandes momentos de superação na sua práxis, que ele deixava transparecer facilmente. Parecia estar muito feliz com sua sorte. Desafiava, francamente, as suas limitações e acreditava estar conseguindo se

⁵ Fundação Universidade Federal do Rio Grande

⁶ Universidade Federal de Santa Catarina.

⁷ Era o que constava de um recado encontrado na sua carteira de documento/porta cédulas.

superar em vários aspectos de sua formação e de militância por uma Geografia da Transição em direção à emancipação humana.

Foi uma vida bruscamente interrompida por uma crise asmática que o acometia. Miguel se foi num momento muito rico⁸ de sua vida. Foi, para todos os seus familiares e amigos uma dor muito grande. Foi a perda de um excelente e bravo companheiro. Para a humanidade ficou o seu exemplo de amor, de alegria, de determinação, de companheirismo, de simplicidade que brota da terra como filho de colonos.

1.3. Miguel por ele mesmo

“O interesse pela problemática agrária não se deve inicialmente ao acesso às leituras que abordavam esse tema, mas ao território da vida, a nossa materialidade vivida de filho de ‘colono’. As vivências cotidianas de filho de produtor rural foram marcadas muitas vezes pelo autoflagelo e pelas condições climáticas que limitavam a forma da produção da existência. Pois o mercado tenta, de todas as formas, fagocitar a propriedade e o produtor; e reproduzir pela via do assalariamento esses sujeitos de espírito judaico do além-mar, que transplantaram identidades de produtores agrícolas. Nesse sentido, ao viver o real e o contato com o concreto foram elementos importantes para a superação cotidiana. Essa existência fez-nos compartilhar as utopias de um mundo possível a ser construído para todos, não permitindo, dessa forma, a sepultura dos sonhos coletivos e a ação definitiva das intempéries históricas do capitalismo na produção e organização do campo e da vida. Vivenciou-se que a utopia é dos homens que não conseguem viver nesse mundo na forma como a vida é posta. Precisam reinventá-la para construir a sociedade do vir a ser.

Por isso, a escolha do tema faz parte da descoberta de nós mesmos e pela existência vivida de infância no campo. Na condição de um entre os 12 filhos de colono produtor, muitas questões latejavam na mente, principalmente a exploração do trabalhador da roça em detrimento do enriquecimento de uma reduzida parcela de produtores rurais e da valorização do próprio capital e infraestrutura implantada pela cooperativa tradicional para alguns poucos produtores. Sobretudo, aqueles detentores de maior quantidade de terra e equipamentos agrícolas, isto é, os modernizados no processo produtivo.

Se o trabalho ‘*dignifica o homem*’, como entender a ruína de tantos trabalhadores que tinham na labuta diária a produção da sua existência e da sua família e o trabalho como inserção social?

A nossa inquietação estava em buscar respostas para tantas incertezas. Aliada a esta preocupação, a parcelização da propriedade também representava um horizonte nebuloso para a sobrevivência.

O contato com a produção literária aumentava as dúvidas sobre a problemática agrária e sobre a origem e a existência dos movimentos sociais agrários.

A situação posta não como impossibilidade, mas como possibilidade da construção de novas experiências formadas e re-formuladas para o vir a ser. Nesse sentido, iniciou-se a construção de uma

⁸ Momento muito rico era uma expressão que ele gostava de usar

nova caminhada, apesar da não aprovação familiar. Pois, a ideologia do trabalho e a imposição religiosa do grande número de filhos representavam aumento da mão-de-obra para o trabalho na roça. Ao buscarmos novas vivências, isso representava a perda de uma força braçal.

Ao buscar o caminho universitário, na graduação de Geografia, ao conviver com temas referentes à pesca artesanal, esses mostraram as condições similares entre os homens da terra firme e da água. Eram todos homens marcados pelas intempéries e pelo capital. E, ao conhecer os movimentos sociais pela Pastoral da Juventude, as certezas aumentavam sobre a imposição do capital universal na vida dos homens da terra e das águas.

O trabalho com a Pastoral da Pesca na Diocese de Rio Grande (RS), ocorreu à aproximação com o MST. Posteriormente, ao trabalhar como professor na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, FURG, com as disciplinas de Geografia Agrária e Geografia da População, possibilitou-nos a realização do trabalho de campo na COOPAVA⁹, promovendo, assim, a correlação entre o teórico e o empírico. Nesse período realizamos duas entrevistas como forma de conhecer as ações da Cooperativa e do Movimento, despertando ainda mais o interesse entre as diferentes formas de cooperativas.

Outro questionamento se fazia constante nas reflexões, como a Cooperativa que, inicialmente, era apresentada como solução para o pequeno produtor, mostrou, no seu ideário, a metamorfose do capital e das práticas coletivas em benefício de poucos. Isso levou-nos a discutir essa temática no Mestrado¹⁰. Por isso a cooperativa não é o novo, mas, sim, a transitoriedade. Isto é, porque tem elementos do velho e do novo mundo.

Atualmente, com novas vivências, entendemos que o adversário é o mesmo do homem do campo, do homem das águas e do homem da cidade, ou seja, o capital. Mas o enfrentamento é distinto, sem querer promover o *'churrasco macabro'*¹¹, propomos a construção desta reflexão.

Para o Doutorado, a universalidade das idéias e novos conflitos pessoais se faziam latentes e com a possibilidade da renovação e superação, porém sem olvidar o passado. Entre esses, a possibilidade da emancipação e da superação de nós mesmos. A práxis cotidiana tem mostrado que a ordem vigente, ou seja, a forma da produção da vida da sociedade capitalista está esgotada, o homem não consegue mais se reproduzir pelo lucro e pelo trabalho. Sendo que, a possibilidade está na emancipação humana, na forma da produção e da apropriação, isto é, pelo viés da cooperação dos homens para a produção consciente dos homens, homens que produzem para além da relação capital.

As questões e os elementos conflituosos do campo não estavam mais resumidos a uma concepção localizacional, mas como uma imposição da universalidade do capital. Todavia, desenhava-se uma

⁹ Cooperativa Agropecuária de Produção Vista Alegre Ltda

¹⁰ Mestrado cursado no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Walquíria Kruger Correa, no período de 1994 a 1997. Posteriormente, como Bolsista Recém-Mestre pela Fundação de Apoio e Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, desenvolvemos junto aos pescadores artesanais de Rio Grande e São José do Norte o projeto de construção de cooperativas.

¹¹ Frei Sérgio Gorden. **Massacre da fazenda Santa Elmira**. Petrópolis: Vozes, 1989.

diferenciada forma da produção da vida, por isso, propomo-nos a desvelar o espaço transitório enquanto forma e conteúdo de um novo tempo e de uma nova existência, dessa forma, emana a necessidade de contribuir para a afirmação de uma geografia crítica para além da relação capital. Tornando-se, assim, uma resposta e um desafio para o entendimento de nós mesmos.

Por isso, a nossa caminhada tem sido essencial para a elaboração desta reflexão, usando a mediação do teórico e do empírico em suas diferentes temporalidades, pois aprendemos vivendo a dura realidade. Entendemos que a caminhada é a oficina da vida” (p. 26-29)

2. A pesquisa sobre elementos da superação do capitalismo no exemplo do MST

“A questão central da nossa reflexão é a apreensão dos elementos que apontam para a existência do espaço transitório na COOPAVA, isto enquanto movimento da superação do velho pelo novo. Percebemos que no seu ideário existe a construção uma nova forma de produção da vida dos homens, mesmo que não conseguem se desprender da materialidade do velho, pois a existência dos homens na COOPAVA está na práxis da materialidade das contradições da forma burguesa da produção da vida¹²” (p. 11).

2.1. O objetivo da pesquisa de Miguel

“[...] construir esta reflexão, apresentando a forma e o conteúdo da natureza do espaço transitório, pela forma da produção da vida pela cooperação consciente dos homens do MST. Ou seja, a forma como esses sujeitos históricos, produzem a vida em algum lugar, isto é, na COOPAVA” (p. 29).

2.2. As mediações do processo de pesquisa

“O espectro da produção da existência humana, com novas formas de satisfazer as necessidades pela valorização do homem, tem como práxis a materialidade da união dos homens entre si coletivamente e conscientemente. A partir dessa forma de produção da vida, é necessário buscar uma outra forma de valorização da existência, porque o homem coletivo não poderá se unir pelo trabalho, mas na potencialização dos meios de produção, tornando-se produtor e apropriador da produção” (p. 37).

2.3. A questão da transitoriedade

“O movimento da transitoriedade é construído por sujeitos humanos que tem a união de homens para produzir homens. Não se trata da produção de homens para viverem de lucro, de renda da terra, de juros ou de salários, por isso, constituem a contradição do nosso tempo. Trata-se de uma geografia crítica que indica o movimento da transitoriedade dos sujeitos humanos emancipatórios em movimento, construindo uma crítica para além da crítica do capital. Pois, a atual forma da produção da vida está esgotada, não sendo mais possível a produção e reprodução pelo salário e pelo lucro, mas pela produção e apropriação coletiva e consciente da riqueza” (p. 11-12).

¹² MULLER, M. M. U; TAVARES, J. C.; AUED, I. M. **A Produção da vida na COOPAVA enquanto espaço transitório para além da relação social capital.** Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária. Gramado (RS): Novembro 2004.

2.4. O MST engendrando elementos da transitoriedade

“A organização do Movimento é uma luta para superar a sociedade burguesa. É a luta, o conflito entre o velho e o novo como impossibilidade de produzir a vida; com salário e lucro. Por isso, é a busca de novas formas de produzir a vida, mas moldadas pelo velho, isto é, ainda com relações burguesas. Sendo que, no acampamento, é o início da construção de uma sociedade superior que, por ora caracteriza-se pelas contradições, pelos conflitos e pela formação do espírito solidário. Assim, no assentamento é possibilitado o desenvolvimento das forças produtivas como conteúdo prático e histórico do Movimento, construindo o homem consciente. O assentamento não é um produto, mas é um processo, uma construção de reforma agrária; ele tem uma história, uma economia, uma trajetória de luta e de conquistas coletivas, de seres humanos históricos regurgitados pelo capital universal. Nesse sentido, apreendemos o MST não como mero Movimento que é fruto da fermentação social brasileira, mas como reflexo e cota parte da universalização do capital. Trata-se, com efeito, de uma interpretação que significa apreender diferentemente a forma da produção da existência humana enquanto ações históricas da história dos homens, homens do MST, que produzem os seus meios de existência, com novos sentidos, novos fins e seu conteúdo aparece como resultado da sua história” (p. 35).

“Para o MST, a apreensão dos fundamentos econômicos da cooperação está assentada no desenvolvimento das forças produtivas no mundo da produção capitalista objetivada no desenvolvimento da indústria com a divisão técnica do trabalho. “O desenvolvimento da cooperação agrícola no capitalismo tem como base diversos fundamentos econômicos, ou seja, do próprio funcionamento da economia e de suas leis”. (MST, 1991:138).

Na concepção do MST, a cooperação é o jeito de somar os esforços de cada agricultor individual, para fazer coisas em conjunto.

A produção é considerada revolucionária, pois substitui os homens pelo produto do seu trabalho, transformando-se no germe da sua própria emancipação, pois os homens passam a representar o produto do seu trabalho. Nesse sentido, Marx & Engels (1998, 35) evidenciaram que:

(...) quando se fala de idéias que revolucionam uma sociedade inteira, isto quer dizer que, no seio da velha sociedade, formam-se os elementos de uma nova sociedade e que a dissolução das velhas idéias marcha junto à dissolução das antigas condições de vida.

O homem revolucionário liberta-se da propriedade privada; trata-se do esgotamento das potencialidades da base material e das condições materiais do mundo burguês. Com a emancipação, surgirá o ser social, o novo homem. O homem humanizado que rompe com seu passado coisificado, com sua becilidade desumanizada.

Para Grade (1999:20), o MST emerge como movimento revolucionário,

(...) está emergindo a partir do modo de produção capitalista, não é filho do mercado, mas nasce a partir da sua exclusão e traz dentro de si elementos novos e elementos do próprio mercado. É o novo homem querendo emergir a partir das possibilidades apresentadas pelo Movimento em sua constituição nos acampamentos.

O MST é aglutinado pela consciência do coletivo, a partir da formação do acampamento. Dessa forma, poderá gerar o novo ser social, o produto do homem pelo homem, desenvolvendo potencialidades de superação. Está no coletivo a possibilidade da construção do novo ser emancipado, ao produzir os proprietários e não proprietários dos meios de produção como negação da sociedade capitalista; da razão burguesa e da lógica da mais-valia. Nesse sentido, está em construção o homem revolucionário, integrado socialmente e opositor ao sistema, criando a identidade coletiva¹³.

Cabe ressaltar alguns aspectos positivos do coletivo: a conquista da terra e do trabalho; a formação de uma maior consciência social; a possibilidade de construção de novas relações a partir da mudança do atual estado das coisas, contrapondo-se à sociedade burguesa; a reeducação das pessoas para recuperá-las da exclusão e da degeneração; a valorização das pessoas e das coisas; a construção de relações saudáveis, dignas e solidárias; a permanente luta para a realização dos sonhos e dos desafios; o desapego ao que é meu para se tornar nosso; disponibilização do tempo para a formação de agentes mobilizadores do Movimento; a permanente formação de lideranças e do grupo em geral, como forma de continuar a resistência e agregar mais indivíduos à luta.

No Manifesto Comunista, Marx e Engels afirmam que, mesmo que exista uma produção do tipo comunal, a transição para uma forma de sociedade superior à capitalista só poderá ocorrer nos lugares onde as forças produtivas estiverem amplamente desenvolvidas. Trata-se do avanço da base material dos homens produzirem sua existência.

Nesse caso, evidencia-se que existe uma nova forma de apropriação da riqueza, mas a produção da riqueza não representa o caminho da sociedade superior à sociedade capitalista, pois percorre o ideário do mundo do trabalho como forma de organizar os homens e de inserção na sociedade burguesa.

Nesse sentido, Aued (1995:18) afirma que: *“a condição de apropriação social da riqueza é necessário, porém insuficiente à solidificação da nova sociedade”*.

A fragilidade, porém, na gestação do novo ser social faz com que o velho seja reproduzido no interior do Movimento, ou seja, o sistema cooperativista tem como meta a inserção da produção no mercado capitalista, por isso, necessita ser competitivo para sobreviver no mercado.

¹³ Cf. Mão Tse-Tung (1999), existem formas além da produção que possibilitam a construção da identidade coletiva, tais como: a luta de classes, vida política, atividades desenvolvida no domínio da ciência e da arte. Em resumo, o homem social participa em todos os domínios da vida prática da sociedade; trata-se de uma relação, não somente na vida material, mas igualmente na vida política e cultural. E no caderno do MST, observamos. *“A consciência social como produto do convívio e participação social, desenvolve-se naturalmente, na medida em que se estimule os aspectos do convívio e da participação”*. (MST, Cadernos de Cooperação Agrícola. N. 10, 2001. p. 7.).

A formação do cooperativismo no Movimento tem como objetivo, segundo Grade (1999), melhorar e estimular a cooperação agrícola nos assentamentos corresponde ao setor de produção e comercialização do MST. Articulam as diversas formas de cooperação e contribui na construção e implantação da estratégia geral do Movimento. Mas a prática demonstra que na cooperativa, mesmo estando nas mãos dos assentados, “*o trabalho é fonte de exploração na relação que estabelecem com o mercado capitalista (...) a cooperativa forma as pessoas para atender às necessidades do mercado, defendendo a matriz burguesa, o lucro*”, (DALMAGRO, 2002:84-96). Nesse mesmo trabalho, aparece uma entrevista de um assentado, consciente da diferenciação das relações internas e externas da cooperativa que é de vital importância para o entendimento das relações cooperativadas e da sociedade burguesa: “*A relação interna é socialista, mas a relação externa é capitalista*” (p. 44-47).

Em que medida o MST está engendrando elementos da superação do capitalismo? Quais são os elementos?

Neste contexto e processo “[...] a COOPAVA¹⁴ como organização de vidas humanas, como uma história dos homens manifestada como ato histórico de indivíduos coletivos integrados a um contexto social e em condições de vida que fizeram deles o que são e que produzem os seus meios de existência num lugar, o Assentamento Conquista da Liberdade¹⁵, e num movimento organizado, a COOPAVA, que se constrói ainda envolto nas relações burguesas.

Trataremos da transitoriedade, enquanto vir a ser que brota das entranhas e no conflito da sociedade burguesa. Produzindo a vida pela cooperação consciente, produzindo coletivamente, sendo que a apropriação é, em alguns casos, a recorrência ao individual. Por isso, as ações se flagelam na caricatura do trabalho na COOPAVA, que usa do crédito como meio de existência e reprodução dos cooperados. Por isso, é uma transitoriedade do velho e do novo.

Os sujeitos históricos, sobretudo, constroem-se pela superação abaixo do céu e sob a sombra da bandeira da Ordem e Progresso. Ao lutar pelo direito à vida, aprendem a redesenhar o mapa de uma Geografia quase perdida e mal interpretada, do campo. Com isso escrevem lições de vida da história ao lançarem as sementes de esperança do vir a ser. Uma geografia crítica, que indica a transitoriedade do velho para o novo, uma produção da vida consciente e não a reprodução de uma geografia do capital” (p.35-36).

2.5. Os resultados esperados

‘Esperamos que, a partir dessa construção coletiva, possamos contribuir para um debate acerca das formas da produção da vida, via cooperação dos homens do MST. Mesmo assim, não intencionamos construir uma verdade, mas apenas uma reflexão, porque cada representação fornece uma

¹⁴ A COOPAVA foi constituída em 1995 por 28 famílias. Encontra-se organizada em setores produtivos: como o leite ecológico, a produção de frango branco e caipira, a agricultura, a suinocultura, a ovinocultura, a horta, o pomar e a piscicultura.

¹⁵ <Assentamento loclizado no município de Piratini, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

representação aceitável daquilo que se apresenta no curso do tempo. Trata-se de um processo em construção, e cada procedimento remete-nos para outro questionamento, pois a ciência é dúvida permanente e nunca a certeza.

Não pretendemos reafirmar verdades, mas produzir reflexões acerca da produção da vida, apresentando, para tanto, a forma da produção da existência a partir da organização de um movimento social agrário, o MST. Sendo que, a virtuosidade dos homens que compõem é conseguir produzir e se organizar além da relação capital. Isso mostra que é possível uma organização que supere a subordinação do trabalho ao capital. A empiria nos revela que estes elementos estão sendo materializados na COOPAVA, apontando, portanto, para um horizonte além do capital.

Nesse sentido, não queremos contribuir para a ornamentação das bibliotecas com mais um trabalho acadêmico, mas esperamos estar propondo um significado para a existência coletiva, que possibilite a germinação da semente da emancipação coletiva, assim construindo sonhos e desejos do vir a ser.

Esta reflexão, em vias de elaboração, admirável ou não, é uma construção coletiva da apreensão do espaço transitório enquanto identidade coletiva do novo tipo; uma construção para além da relação capital, o vir a ser do novo homem, com novas manifestações e expressões de ser social, identificado como COOPAVA, de uma geografia para além da crítica ao capitalismo, e assim, a sua superação” (p. 35-36).

Referencial Bibliográfico

AUED, Bernardete Wrublevski e FIOD, Edna Garcia Maciel. Origens sociais dos movimentos sociais em Santa Catarina (ou ampliação do trabalho, mas não do assalariamento) In: VENDRAMINI, Célia Regina (org.) **Educação em movimento na luta pela terra**. Florianópolis: NUP/CED, 2002 (Série Pesquisa; 2). p. 19-39.

AUED, Idaeto Malvezzi. **Estratégias e contradições na construção da sociedade Socialista Soviética: Socialismo de Menos, Capitalismo de mais (1917 – 1929)**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1995.

_____. Capital e emancipação humana: o ser social. In: AUED, Bernadete Wrublevski (Org). **Educação para o (des)emprego** (ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento), 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 109-131.

. _____. Marxismo e Geografia. In: **O ensino da Geografia no novo milênio**. Chapecó/SC: Argus, 2001. p.13-58.

AUED, Idaeto M; GRADE, Marlene. O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra: fabricando uma nova sociedade. In: **Desafio. Revista de Economia e Administração**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2000. p. 21-35. v. 1. n. 1.

CONCRAB. **Sistema cooperativista dos assentados**: Caderno de cooperação agrícola, n. 5, 2. ed. São Paulo: CONCRAB, junho, /1998.

DALMAGRO, Sandra Luciana. **Trabalho, coletividade, conflitos e sonhos: a formação humana no assentamento Conquista da Fronteira**. Florianópolis: CETD/UFSC, Dissertação de Mestrado, 2002.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Editora Moraes, s/d.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRADE, Marlene. **MST: Luz e esperança de uma sociedade igualitária e socialista**. Florianópolis: CSE/UFSC, Dissertação de Mestrado, 1999.

GORGEN, Frei Sérgio. **Massacre da fazenda Santa Elmira**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MST: o cooperativismo no ensinamento marxista (Marx, Rosa, Lênin, Mao). Cadernos das Experiências Históricas da Cooperação n. 2. São Paulo: CONCRAB, junho 2000.

MULLER, M. M. U; TAVARES, J. C.; AUED, I. M. **A produção da vida na COOPAVA enquanto espaço transitório para além da relação social capital**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária. Gramado (RS): Novembro 2004.

MULLER, Miguel Matias Utzig. **COOPAVA: a construção do espaço transitório no interior do MST no município de Piratini/RS** (Memorial de Qualificação). Florianópolis: PPGG/UFSC, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.